



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO PEDAGOGIA À DISTÂNCIA – ANO
2021

JACQUELINE SOUSA DE OLIVEIRA

**DISLEXIA:
ENSINANDO COM AMOR E SABEDORIA**

UBERLÂNDIA

2021

JACQUELINE SOUSA DE OLIVEIRA

**DISLEXIA:
ENSINANDO COM AMOR E SABEDORIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia,

Orientador: Prof. Dr. Márcio Danelon

UBERLÂNDIA

2021

JACQUELINE SOUSA DE OLIVEIRA

**DISLEXIA:
ENSINANDO COM AMOR E SABEDORIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia,

Orientador: Prof. Dr. Márcio Danelon

Uberlândia, 11 de novembro 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Márcio Danelon
Universidade Federal de Uberlândia

Sumário:

Resumo	5
Introdução	6
As Dificuldades de um Disléxico	7
Dislexia em Família: Lidando com o Transtorno em Amor	9
A Dislexia e a Escola.....	12
Bullying e dislexia: como abraçar a inclusão na escola.....	15
Interação e Atividades Apropriadas.....	18
Dislexia: Vivendo em Sociedade.....	22
Todos são capazes de aprender.....	23
Bibliografia.....	25

Resumo:

Em meu trabalho de conclusão de curso, irei abordar um transtorno que têm se mostrado muito comum ultimamente: A Dislexia.

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem muito presente no ambiente escolar e tema de recorrentes discussões que pode ser diagnosticada tanto na infância quanto na vida adulta.

Este trabalho tem como objetivo entender e analisar possíveis estratégias para ajudar um aluno disléxico, demonstrando aos educadores diferentes métodos para compreender suas capacidades e necessidades, chegando assim a uma definição de dislexia, suas causas e quais sinais são demonstrados pelo educando que podem ajudar a diagnosticar o transtorno. Observando que a dislexia é um distúrbio de aprendizagem e não uma doença e se diagnosticada no início os resultados de possíveis intervenções podem obter mais sucesso, ou seja, o indivíduo vai melhorar o processo de ensino e aprendizagem mais facilmente, concluímos que se faz necessário o apoio da família em conjunto com a escola que deve orientar seus profissionais a desenvolver metodologias de ensino que possibilitem maior desenvolvimento do aluno.

Mostrarei através de minha pesquisa como essa dificuldade na aprendizagem pode afetar a família e a criança. E qual o papel do professor nesse processo que muitas vezes pode se tornar um verdadeiro desafio na vida de todos que convivem com um disléxico.

Embora seja referida como uma incapacidade “invisível”, a dislexia tem efeitos profundos sobre a criança, tanto pelo impacto do esforço exigido pela leitura, como pelo alto custo da incapacidade de ler de forma rápida e fluente que geram sentimentos associados de constrangimento e ansiedade.

Através de meus estudos concluí que a dislexia não está relacionada a inteligência, trata-se de uma dificuldade de leitura e escrita, que pode acometer crianças mais inteligentes ou menos. ... Ser inteligente ou não, depende de uma questão multifatorial onde não há dados científicos de que crianças com dislexia sejam mais que outras.

A função do professor é fundamental para o desenvolvimento e o aprendizado de uma criança disléxica, por isso veremos todas as questões que envolvem desde o acolhimento até as atividades desenvolvidas pelos profissionais.

Dislexia: Ensinando com Amor e Sabedoria

1. Dislexia: O que é

A dislexia é um transtorno do neuro desenvolvimento que afeta habilidades básicas de leitura e linguagem. Ela tem suas raízes em diferenças nos sistemas cerebrais responsáveis pelo processamento fonológico que resultam em dificuldade para processar os sons das palavras e associá-los com as letras ou sequências de letras que os representam. Outros fatores que podem vir associados são déficits nas funções executivas, dificuldades no processamento auditivo e/ou visual e desenvolvimento psicomotor.

É considerado um transtorno específico de aprendizagem porque seus sintomas geralmente afetam o desempenho acadêmico de estudantes sem que haja outra alteração (neurológica, sensorial ou motora) que justifique as dificuldades observadas.

A Dislexia se trata de uma diferença na maneira como o cérebro processa informação, portanto ela pode ter um grande impacto na forma como um aluno aprende. Criança com transtorno de aprendizagem é muito suscetível a um professor que não consegue entender sua dificuldade.

O obstáculo principal é converter o som em sinal gráfico (e o contrário também). Isso gera, por exemplo, problemas na leitura (mais lenta e silabada - com troca da sílaba tônica) e na escrita (erros ortográficos como inversões ou omissões das letras).

Esta condição permanece durante toda a vida acadêmica, da pré-escola ao ensino superior. Mas atenção: o disléxico tem uma inteligência normal e sua compreensão oral é preservada, assim como o raciocínio lógico-matemático. Ou seja, o indivíduo tem uma dificuldade localizada, que não compromete o aprendizado global.

É muito diferente, por exemplo, de um transtorno de aprendizagem. Um aluno com esse problema tem um acometimento nas habilidades de leitura e escrita - como um disléxico -, mas vai apresentar dificuldades em todas as outras áreas do aprendizado, incluindo as habilidades relacionadas ao raciocínio lógico matemático e à compreensão oral, que não ocorrem como manifestação da dislexia.

Entenda: Dislexia não tem nada a ver com Q.I. (quociente de inteligência) mais baixo. Disléxicos se atrapalham com as palavras, mas costumam ir bem nos cálculos, por exemplo. O comportamento varia também. Há disléxicos desorganizados e outros metódicos; existem aqueles falantes e outros muito tímidos.

A disfunção afeta preponderantemente o sexo masculino: são três meninos para cada menina. Existem diversos graus de intensidade e o diagnóstico costuma ocorrer na infância, quando a criança está aprendendo a ler e escrever. Não é raro, porém, que casos mais leves sejam surpreendidos na adolescência ou fase adulta.

2. As dificuldades de um disléxico:

A abordagem com a dislexia se torna importante ao considerarmos que ela pode limitar o desenvolvimento nos estudos e na carreira e, em casos mais severos, levar ao abatimento e à depressão.

Alguns sinais na Pré-escola

- Dispersão;
- Fraco desenvolvimento da atenção;
- Atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem
- Dificuldade de aprender rimas e canções;
- Fraco desenvolvimento da coordenação motora;
- Dificuldade com quebra-cabeças;
- Falta de interesse por livros impressos.

Alguns sinais na Idade Escolar

- Dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita;
- Pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras);
- Desatenção e dispersão;
- Dificuldade em copiar de livros e da lousa;
- Dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas etc.) e/ou grossa (ginástica, dança etc.);
- Desorganização geral, constantes atrasos na entrega de trabalho escolares e perda de seus pertences;
- Confusão para nomear entre esquerda e direita;
- Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.;
- Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas;

A maioria dos estudiosos concorda com a origem multifatorial da dislexia, ou seja, com a ideia que suas causas podem ser genéticas e ambientais.

Na prática, quem não tem dislexia utiliza três áreas do cérebro enquanto está lendo. A primeira faz a identificação das letras, a segunda parte faz com que entendamos o significado da palavra. Por fim, uma terceira área processa todas essas informações.

Em uma pessoa com dislexia, as duas primeiras áreas são menos ativas. Em compensação, a parte frontal é obrigada a trabalhar mais e até o lado direito do cérebro é ativado.

O diagnóstico é sempre feito por uma equipe multidisciplinar, que envolve profissionais de:

- Neurologia
- Neuropsicologia
- Fonoaudiologia
- Psicopedagogia.

Feito o diagnóstico, é importante que o professor se junte ao profissional que tratará a criança e, dessa forma, combine uma maneira de aprendizado diferente. Não é só o psicólogo quem faz o diagnóstico, e sim o conjunto: professor, pais, fonoaudiólogo, psicopedagogo, etc.

O tratamento é multidisciplinar e visa a superação das dificuldades apresentadas, desenvolvendo as habilidades básicas necessárias para um aprendizado efetivo através de um programa de reabilitação, bem como orientação da família e escola.

É necessário ajustar os métodos de ensino de forma a corresponder às necessidades da pessoa. Embora isto não constitua uma cura para o problema, pode diminuir o grau dos sintomas.

Os tipos mais comuns de dislexia são:

- Dislexia visual: dificuldades em diferenciar os lados direito e esquerdo, erros na leitura devido à má visualização das palavras
- Dislexia auditiva: ocorre devido a carência de percepção dos sons, o que também acarreta dificuldades com a fala
- Dislexia mista: é a união de dois ou mais tipos de dislexia. Com isso, o portador poderá ter, por exemplo, dificuldades visuais e auditivas ao mesmo tempo.

O apoio da família é indispensável para o desenvolvimento e sucesso do tratamento. Os familiares devem incentivar cada sucesso obtido, tendo sempre muita paciência, lendo e se informando sobre o assunto.

Nas atividades que podem ser desenvolvidas, é preciso levar em conta a diferença entre ler para os filhos e ler com os filhos. É importante visitar livrarias ou bibliotecas com os filhos e escolher um livro adequado para que leiam juntos, trocando impressões sobre a leitura.

Além da leitura, existem jogos de tabuleiro que envolvem conhecimentos gerais e podem auxiliar na assimilação, como palavras cruzadas. Eles tornam a leitura e a escrita uma coisa prazerosa, e não um simples "dever de casa".

A neurociência ainda não sabe dizer ao certo de que forma é possível prevenir a ocorrência da dislexia. O que se conhece hoje são formas que ajudam a reduzir o risco de seu filho desenvolver a dislexia.

Confira alguns exemplos:

- Durante a gravidez, evite fazer uso de substâncias que possam prejudicar o desenvolvimento fetal. Não beba bebidas alcoólicas, evite cigarros e outras drogas. Evite, também, a exposição a toxinas ambientais
- Proteja seu filho da exposição a poluentes e toxinas, incluindo a fumaça de cigarro, produtos químicos agrícolas ou industriais e chumbo.

3. A Dislexia e a Família: Lidando com o Transtorno em Amor

Grande parte das famílias nem vê isso como um problema, achando ser "coisa" de criança, que depois passa. Por isso, muitos diagnósticos se atrasam e a percepção de que a criança pode ter dislexia chega tarde. Por conta disso, algumas crianças sofrem muito na escola e na família, pois a julgam sem condições de aprender "como as outras crianças". Mas a criança com dislexia não é uma criança sem capacidade de aprender, ela só precisa de mais apoio e de condições adequadas para desenvolver todo seu potencial.

Dislexia merece atenção e apoio da família. Os pais, devem estar sempre atentos às dificuldades de escrita e leitura de seus filhos e buscar auxílio nos profissionais de saúde para que um diagnóstico preciso seja feito, permitindo que o filho possa, assim, superar suas dificuldades o quanto antes e crescer sem traumas ou barreiras que dificultem o seu pleno desenvolvimento.

A família tem um papel fundamental e importantíssimo no desenvolvimento da criança. Os pais e familiares devem estar atentos, buscar ajuda profissional e auxiliar a criança nas tarefas diárias e escolares, sem constranger e sempre com amor e paciência. Existem alguns procedimentos que ajudam bastante o disléxico, como por exemplo:

- Seja claro:

Deixar claro para essa criança que a Dislexia é um transtorno conhecido, comum e que todos estão aptos para apoiá-lo e principalmente ajudá-lo. Que ele não está sozinho e que tem a todos para fazer com que possa se desenvolver plenamente, tanto no que tange ao contexto escolar quanto ao contexto social.

- Momento de silenciar e de falar:

Dar-lhe atenção especial e estimular o diálogo, pois o portador da Dislexia muitas vezes fica tímido e se retrai, evitando assim o diálogo por receio de não ser tratado bem pelas pessoas. Diante dessa realidade é imprescindível que a família estimule o diálogo, que as dúvidas comuns que todo filho tem possam ser expostas respeitando assim o modo e o ritmo como a criança fala. É uma questão de silenciar para poder escutar seu filho, um

treinamento constante de escuta pois toda criança precisa se expor e ela quer ser escutada.

- Respeitar o ritmo de cada um:

Quando presentear seu filho com algum livro, certifique-se que o livro é indicado para a faixa etária dele. Não se pode exigir que a criança seja igual às outras, pois nenhuma pessoa é igual, cada uma tem sua particularidade – as pessoas também tem ritmos diferentes e é preciso respeitar esses ritmos.

- Evitar constrangimentos:

Evite impor que a criança leia em público e, caso seja necessário, é importante dar um tempo para que ela possa se preparar e ter confiança, evitando constrangimentos e frustrações. É importante que os pais também orientem a equipe pedagógica em relação a isso, pois o constrangimento é muito negativo para o desenvolvimento da confiança e da autoimagem do ser humano.

- Destacar os pontos positivos de seu trabalho:

Essa atitude estimula a criança a continuar produzindo e estudando. Elogiar uma pessoa não é ruim, não estraga a pessoa, ao contrário é muito importante pois auxilia na construção de sua auto-imagem. Além de ser uma motivação para que essa criança continue a se desenvolver bem e plenamente suas atividades.

- Aceitar os erros e distrações:

Não somos perfeitos por isso erramos. Pai e mãe também erram, então, por que os filhos tem que ser perfeitos? O que tem que ser (quase) perfeito é o seu amor por seu filho. Se seu filho errou, se distraiu e não se saiu bem numa prova ou na hora de uma leitura, tudo bem, afinal é importante tentar e continuar sempre tentando, pois as experiências também são uma aprendizagem.

A leitura para quem é portador de Dislexia não é uma atividade fácil, pois como vimos, por questões neurobiológicas, requer um esforço maior. Além de que ler não é só um ato mecânico, pois também envolve compreensão o que nem sempre é fácil para o portador da dislexia, por isso o apoio da família é fundamental.

A AND (Associação Nacional de Dislexia), estabelece algumas sugestões de como os pais podem ajudar os filhos com dislexia. Uma das maneiras é ser positivo e descobrir tudo o que puder sobre o desenvolvimento dos filhos, procurar ajuda profissional quando necessário, desenvolver um bom relacionamento com os professores e buscar maneiras de ajudar. Ajudar a criança a fazer coisas por si próprias, ajudará na sua autonomia, ensinar ele a organizar melhor o tempo, ser paciente com relação aos progressos que a criança fizer também poderá ser de ajuda. É importante também que os pais estejam atentos, pois a criança disléxica muitas vezes pode ser chamada de bobo ou preguiçoso, chegar atrasado a compromissos, ter frustrações nos trabalhos escolares, e os pais podem ajudá-los a vencer a maioria desses desapontamentos desde que percebam a tempo, visto que a criança disléxica faz um grande esforço na escola, poderá ficar mais cansada e os pais podem auxiliar para que ela tenha um dia mais folgado, é bom lembrar que embora a criança com dislexia precisa de muita atenção, não é bom que se dê mais atenção a ela do que aos outros membros da família.

As crianças possuem uma tendência natural, instintiva que as direciona ao desenvolvimento de suas potencialidades. Os pais devem ter conhecimento desse processo para que não dificultem ou impeçam o crescimento espontâneo da criança. Pela falta de compreensão da natureza e necessidades básicas do ser humano, os pais, muitas vezes, prejudicam a busca do próprio desenvolvimento, pela criança. O modo como os pais lidam com seus filhos pode ajudá-los no desenvolvimento das suas potencialidades e no relacionamento com o mundo, possibilitando-lhes o enriquecimento pessoal através das experiências que o meio lhes proporciona.

A criança necessita de equilíbrio entre condutas disciplinares e diálogo, compreensão e carinho. Num processo educativo os pais experimentam a necessidade de um trabalho de auto-análise, de reestruturação de seus comportamentos, crenças, sentimentos e desejos. Os pais precisam conquistar, em relação a si mesmos, primeiramente, o que querem que os filhos sejam: justos, disciplinados, honestos, responsáveis. Esse processo ocorre nas vivências do dia-a-dia, na medida em que pais e filhos comunicam-se de maneira transparente e sincera, falando de suas percepções, suas dúvidas, objetivos, emoções, aprendendo uns com os outros.

Criar filhos não significa torná-los perfeitos, pois os pais têm muitas dúvidas e estão sujeitos a muitas falhas; mas o que é necessário é tentar identificar os conflitos e desfazê-los, aprendendo a conviver com essas situações. Através dos conflitos os pais desenvolvem a percepção de si mesmos e de seus filhos. Essas situações estimulam pais e filhos a instalar um diálogo verdadeiro, expondo o entendimento e sentimento em relação às experiências cotidianas. Por outro lado, aspectos fundamentais do processo educativo revelam que os pais devem ter respeito sobre o que o filho sente, mas cabe a eles negar com firmeza e determinação as atitudes que possam contrariar o que desejam para a educação de seus filhos.

Tanto na família quanto na escola, segundo, há uma necessidade de orientação às crianças quanto às regras disciplinares, para que elas possam desenvolver a capacidade de concentração e de apreensão dos conceitos. A aprendizagem se dá de maneira gradativa e não será possível sem a participação ativa do aluno, de maneira disciplinada, orientada.

4. A Dislexia e a Escola:

No ensino infantil, a dislexia pode se manifestar principalmente por falta de interesse pelas rimas; palavras mal pronunciadas; persistência da "linguagem de bebê"; dificuldade em aprender (e lembrar o nome das letras) e dificuldade em saber o nome das letras do próprio nome.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, as seguintes características normalmente são identificadas: dificuldade em entender que as palavras são "divididas em partes"; incapacidade de associar letras a sons; erros de leitura (sem conexão entre fonemas/grafemas - por exemplo, ler panela, em vez boneca), incapacidade de ler palavras mesmo simples; reclamações e ou recusa em situações em que tenha que ler.

Em se tratando de intervenção, há consenso de que o ensino infantil e as séries iniciais representam uma "janela de oportunidades" para se prevenir problemas com a leitura (assim como outros problemas de aprendizagem). Além disso, na ausência de

intervenção se observa aumento de discrepância de desempenho, quando comparado aos seus pares, ao longo das séries posteriores.

Sendo assim, é importante que se identifique no ensino infantil os sinais sugestivos de alterações que possam prejudicar a aquisição da leitura e escrita e, nesses casos, se implemente intervenção adequada às alterações encontradas. Em se tratando dos aspectos linguísticos, várias possibilidades e métodos são encontrados na literatura, que tem como objetivo estimular o **desenvolvimento fonológico** das crianças menores.

Veremos alguns exemplos de como pode ser feita a estimulação da consciência fonológica em alunos com dislexia:

- Estimular a habilidade das crianças prestarem atenção aos sons de forma seletiva, ou seja, discriminação e denominação de sons diversos (reais ou gravados), identificação e sequências de sons e sons faltantes em uma sequência anterior; localização de sons diversos; ouvir um determinado som e associá-lo à sua fonte; identificação de frases sem sentido; percepção auditiva, atenção e concentração; capacidade de compreender e de seguir ordens sequenciais;
- Usar rimas para introduzir os sons das palavras. Pode-se usar como estratégias: orientação verbal, músicas, parlendas, poesias infantis com rimas, figuras diversas, dentre outros. Dentre as possibilidades destacam-se: trabalhar a atenção e aprimorar a consciência para os sons da fala; enfatizar a rima por meio do movimento (físico-corporal); introduzir o conceito de que qualquer palavra pode ser rimada; criação de rimas;
- Desenvolver a consciência de que a fala é constituída por sequência de palavras, ou seja, que frases são cadeias linguísticas pelas quais transmitimos nosso pensamento. Ainda, que estas são compostas de sequência de palavras com significados e que a ordem das palavras é que dá significado (ou não) à frase;
- Desenvolver a capacidade de analisar as palavras em sílabas, separando-as e sintetizando-as. Para tanto, pode-se utilizar explicação verbal, jogos com movimentos físicos (palmas, por exemplo), jogos com figuras, objetos reais, dentre outros. A ideia é fazer com que a criança perceba que as palavras são formadas por sequência menores da fala (as sílabas) e que as sílabas correspondem às pulsações do som da voz, bem como aos ciclos de abertura e fechamento das mandíbulas;
- Desenvolver a consciência de que as palavras contêm fonemas. Explicação verbal, espelhos, observação dos colegas ao falar, cartões com figuras, dentre outros, podem ser utilizados como estratégias. Nesse sentido, se poderá: explorar, comparar e contrastar o ponto e o modo de articulação; isolar, acrescentar e excluir fonemas (iniciais, mediais, finais); comparar palavras com mesmo fonema inicial; compreensão de que palavras contêm fonemas; compreender que fonemas têm identidades separadas e essas podem ser reconhecidas e distinguidas e, por fim, auxiliar a criança a se atentar para a pronúncia dos fonemas;
- Introduzir a relação entre grafema/fonema, utilizando-se de explicação verbal, espelhos, observação dos colegas ao falar, cartões com figuras, dentre outros. Aos poucos, a criança deve compreender o princípio do sistema alfabético. É aconselhável que isso seja feito gradativamente, introduzindo, por exemplo, dois fonemas, encontros consonantais e análise e síntese dos fonemas;
- Introdução gradativa das letras e da escrita. Aqui o professor inicia a associação entre as letras com os fonemas (iniciais e finais) da palavras e a escrita dos mesmos.

É importante ressaltar que o trabalho com a consciência fonológica tem a sua eficácia comprovada, quando se trata de melhorar a leitura e a escrita de crianças com

idade entre 5 a 8 anos. Entretanto, em crianças com idade mais avançada o mesmo pode não ocorrer. Isso sugere que a consciência fonológica é uma habilidade importante, mas não é suficiente para melhorar a leitura, especialmente em crianças maiores.

Muitas crianças com dislexia conseguem adquirir habilidade suficiente para codificar e decodificar palavras e textos. Entretanto, não é incomum que apresentem dificuldade na compreensão da leitura, problema esse que normalmente é atribuído à lentidão e a pouca precisão na leitura de palavras.

Na prática clínica, o que se observa é que o aumento da demanda da memória de trabalho (com textos mais longos, por exemplo) é um dos principais fatores que levam o sujeito a ter dificuldade de compreensão.

Por outro lado, outros trabalhos apontam para o fato de que esse tipo de dificuldade pode ocorrer em indivíduos que decodificam adequadamente, o que remete à ideia de que se pode estar lidando com uma desordem distinta da dislexia. Caracteristicamente, esses indivíduos conseguem decodificar e soletrar palavras com precisão, mas tem problemas no entendimento daquilo que leram.

É importante então que o professor, na sua prática, se atente para os seguintes aspectos: crianças com dificuldade nos aspectos fonológicos são consideradas de risco para desenvolverem dificuldade na decodificação, enquanto aquelas que têm prejuízo na linguagem têm risco para desenvolverem dificuldade de compreensão da leitura. As crianças clinicamente diagnosticadas com distúrbio específico de linguagem geralmente têm dificuldade em ambos os processos.

Outro ponto a ser ressaltado diz respeito às características normalmente encontradas nas crianças com dislexia, ou seja, essas podem apresentar comprometimento na leitura, na escrita e na ortografia.

Em relação à leitura, destaca-se: leitura lenta e silabada, confusão nas letras que têm forma semelhantes, confusão na leitura de palavras semelhantes, omissão de palavras, erros na leitura de palavras semanticamente semelhantes (exemplo, ler gato, em vez de cão), erros na leitura de palavras polissílabas e dificuldade com a gramática, incluindo o uso inadequado dos tempos verbais.

A dificuldade recorrente na escrita pode fazer com que o aluno com dislexia evite escrever, tenha problemas em realizar cópias de forma adequada e apresente um estilo de escrita manual inadequado.

Dificuldades ortográficas também são frequentes; mais precisamente, é comum que escreva foneticamente, omita o meio ou o final da palavra e escreva letras ou sílabas na sequência incorreta.

Existem estratégias didáticas que podem e devem ser utilizados pelos professores a fim de obterem melhores resultados no aprendizado, como: atividades de vocabulário; ampliação de temas de leitura; atividades de caráter gramatical; atividades específicas de ideia principal; associar títulos a textos e vice-versa; refletir sobre o ato de ler: para que, como se lê melhor, o que se pode fazer para compreender bem a leitura, reconhecer quando não está compreendendo, que fazer quando aparece uma dificuldade.

Conforme se pode constatar, a compreensão da leitura envolve uma série de habilidades, que devem ser identificadas e trabalhadas no contexto escolar, de maneira sistematizada. Essa conduta certamente favorece não só alunos com transtornos da aprendizagem, mas também todos os demais.

Além dos aspectos anteriormente abordados, são necessárias também adaptações variadas no contexto escolar, de modo que o aluno possa evoluir no seu processo acadêmico. Tais adaptações devem ser implementadas, segundo as características e necessidade do aluno, como por exemplo:

- Dar tempo extra para completar as tarefas;
- Oferecer ao aluno ajuda para fazer suas anotações;
- Modificar trabalhos e pesquisas, segundo a necessidade do aluno;
- Esclarecer ou simplificar instruções escritas, sublinhando ou destacado partes importantes para o aluno;
- Reduzir a quantidade de texto a ser lido;
- Bloquear estímulos externos (visuais, por exemplo), se o aluno tende a distrair-se com facilidade com os mesmos. Pode-se usar como recursos: cobrir esses estímulos (numa folha ou planilha por exemplo), aumentar o tamanho da fonte e/ou aumentar o espaçamento entre as linhas;
- Destacar (com caneta apropriada) as informações essenciais em textos e livros, se o aluno tiver dificuldade em encontrá-las sozinho;
- Proporcionar atividades práticas adicionais, uma vez que os materiais normalmente não as fornecem em número suficiente para crianças com dificuldade de aprendizagem. Tais práticas podem incluir exercícios práticos; jogos instrutivos, atividades de ensino em duplas, programas de computador, etc;
- Fornecer glossário dos conteúdos e guia para ajudar o aluno a compreender a leitura. Esse último pode ser desenvolvido parágrafo a parágrafo, página a página ou por seção;
- Usar dispositivo de gravação. Textos, livros, histórias e lições específicas podem ser gravadas. Assim, o estudante pode reproduzir o áudio para esclarecer dúvidas. O aluno pode, ainda, escutar e acompanhar as palavras impressas e, assim, pode melhorar sua habilidade de leitura;
- Utilizar tecnologia assistiva e meios alternativos, como "tablets", leitores eletrônicos, dicionários, audiolivros, calculadoras, papéis quadriculados para atividades matemáticas, etc;
- Repetir as instruções e orientações. Alguns alunos têm dificuldade em seguir instruções e, assim, pode-se pedir que as repita com suas próprias palavras. Se estas tiverem várias etapas, pode-se dividi-las em subconjuntos, ou apresentá-las uma de cada vez. Quando as orientações são dadas por escrito, deve-se certificar de que o aluno é capaz de ler e compreender as palavras e o significado das frases;
- Manter rotinas diárias, pois muitos alunos com problemas de aprendizagem têm dificuldade em organizar-se com autonomia;
- Fornecer uma cópia das notas de aula (ou esboço) para aqueles que têm dificuldade em realizá-la com autonomia;
- Combinar informação verbal e visual e proporcionar organizador dos conteúdos ministrados;
- Escrever pontos ou palavras-chave no quadro-negro, antes de uma apresentação;
- Equilibrar as apresentações orais, informações visuais e atividades participativas, o que inclui equilíbrio das atividades (em grupo, geral e individual);
- Utilizar dispositivos mnemônicos para ajudar os alunos a se lembrarem de informações chave;
- Enfatizar revisão diária. Este tipo de estratégia pode ajudar os alunos a fazer ligações com conhecimentos prévios;

- Variar os modos de avaliação, ou seja, apresentações orais, participação em discussões, avaliações escritas, provas com múltiplas escolhas, etc;
- Alterar o modo de resposta. Para aqueles que têm dificuldade de coordenação motora fina e/ou com a escrita manual, permitir diferentes modos de exposição do conteúdo (espaço extra para escrever, sintetizar conteúdos, atividades de múltipla escolha, exposição por meio de desenhos, respostas orais, etc.);
- Posicionar o aluno próximo ao professor, longe de sons, pessoas ou materiais que possam distraí-lo, principalmente aqueles que tenham problemas com a atenção;
- Estimular e ensinar o uso de agendas, calendários e organizadores. Com isso, o aluno poderá estar atento a datas e prazos de atividades escolares;
- Estimular o uso de sinais para indicar itens importantes ou não dominados pelo aluno. Tal conduta pode, ainda, ajudar o monitoramento do tempo em testes, bem como o estado atual da sua aprendizagem.

Destaca-se, que a escolha de uma ou mais adaptações deve ser cuidadosamente analisada pelo corpo docente e coordenação pedagógica, segundo a necessidade do aluno. No início pode haver necessidade da associação de várias, porém, espera-se que o número das mesmas diminua com o avanço do processo de aprendizagem, bem como com a autonomia do aluno. O importante é que o professor esteja atento ao que o aluno realmente precisa, que oriente os pais na melhor maneira de auxiliar em casa o trabalho pedagógico e que trabalhe em parceria com os terapeutas e profissionais que normalmente assistem à criança.

O professor, na sua prática diária, é elemento essencial não só para a identificação dos fatores de risco da dislexia, mas também para o seu diagnóstico e intervenção. O sucesso do processo interventivo dependerá, em grande parte, da atuação da escola, já que é nesse contexto que a criança permanece a maior parte do seu tempo. Intervenções com especialistas são fundamentais e, certamente, serão necessárias no curso do desenvolvimento da criança com dislexia. Entretanto, deve-se ter clareza que se trata de um trabalho de parceria. Sem a mesma, corre-se o risco de se produzir fracasso escolar, com todas as consequências que isso envolve.

5. Bullying e dislexia: como abraçar a inclusão na escola:

“Se o professor não conhecer o impacto da dislexia no processo de aprendizagem, será muito difícil que ele use estratégias pedagógicas que atendam às necessidades específicas de alunos disléxicos. O resultado pode ser desde a precariedade no desenvolvimento desses estudantes — que, mais tarde, terão que recuperar a defasagem, se tiverem a oportunidade — até a evasão escolar. E, ao longo de todo esse processo, o impacto socioemocional também poderá ser grande.” Guilherme Chaves, 26 anos - educador

Entre 5% e 17% da população mundial sofrem a dislexia. A informação é fruto de pesquisas científicas realizadas em vários países e está disponível no site da Associação Brasileira de Dislexia (www.dislexia.org.br). A dislexia é um distúrbio neuro-biológico caracterizado por dificuldades no processo de aprendizagem nas áreas da leitura, escrita e soletração. Quando as crianças começam apresentar essas dificuldades, são consideradas desmotivadas, desinteressadas, burros, porque existe uma dificuldade em aprender a ler e escrever. O que é sério em relação à este problema, cujo diagnóstico ainda

é de difícil acesso a população, é que às vezes, contribui à evasão escolar com a prática da exclusão social na escola, através do Bullying.

Bullying é a prática intencional repetitiva de violências verbais (apelidos, piadas etc.), físicas (tapas, chutes e empurrões etc.), ou psicológicas (humilhações raciais, difamatórias, ou agressões morais etc.) de um grupo de alunos contra uma única vítima ou um pequeno grupo de vítimas. É ocasionado pelos atrasos da criança na locomoção, na aquisição da linguagem, na habilidade para segurar a colher e comer sozinho, em fazer o laço no cadarço do sapato e pegar e chutar a bola etc. A criança disléxica possui inteligência normal ou até acima do normal, mas tem dificuldades na aprendizagem das letras, símbolos gráficos e números, com percepção e memória, e com análise visual. A dificuldade mais observável está na área da leitura e da escrita. Devido a essas dificuldades, infelizmente, a criança sofre de Bullying através das coleguinhas.

A partir de meus estudos pude observar que o conhecimento sobre dislexia é algo carente em todo o grupo escolar. Em sua formação, os professores não adquiriram conhecimentos acerca da atuação com estudantes disléxicos, e boa parte dos alunos não conhecem o termo. Essa falta de conhecimento por si só já acomete implicações no processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia, e isso pode desencadear situações de *bullying*”

Infelizmente, a legislação educacional não trata as diversas necessidades especiais dos educandos de forma clara, objetiva, pragmática e programática. Sua omissão tem de certa forma dificultado ações governamentais por parte dos gestores, do professor ao secretário de educação.

A Constituição Federal por exemplo, ao tratar sobre a educação especial diz: " O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializada aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino"(Artigo 208, III, CF). Então uma criança, com dislexia, isto é, com dificuldade de ler bem, é um portador de deficiência? Claro que não. A Lei 9.394/96, a de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, apresenta uma melhor redação sobre a matéria. Diz assim: " O dever do estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino" (Art. 4º, LDB). Melhorou e, em muito, porque faz referências às necessidades especiais. Nesse caso, chegamos a conclusão de que a dislexia é uma necessidade especial.

Por exclusão, diríamos que uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla. O disléxico, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é disléxica porque teve seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. Ser disléxico é condição humana.

O disléxico pode, sim, ser um portador de alta habilidade. Daí, em geral, os disléxicos, serem talentosos na arte, música, teatro, deportes, mecânica, vendas, comércio, desenho, construção e engenharia. Não se descarta ainda que venha a ser um superdotado, com uma capacidade intelectual singular, criativo, produtivo e líder. O disléxico pode, também, ser um portador de conduta típica, com síndrome e quadro de ordem psicológica, neurológica e lingüística, de modo que sua síndrome compromete a

aprendizagem eficaz e eficiente de leitura e escrita, mas não chega a comprometer seus ideais, ideias, talentos e sonhos. Por isso, diagnosticar, avaliar e tratar a dislexia, conhecer seu tipo, sua natureza, é um dever do Estado e da Sociedade e um direito de todas as famílias com crianças disléxicas em idade escolar.

Uma educação para todos precisa valorizar a heterogeneidade, pois a diversidade dinamiza os grupos, enriquece as relações e interações, levando a despertar no educando o desejo de se comprometer e aprender. Desta forma, a escola passa a ser um lugar privilegiado de encontro com o outro, para todos e para cada um, onde há respeito por pessoas diferentes.

O educador deve estar aberto para lidar com as diferenças, deve ser um estimulador do prazer de aprender, um alquimista em fazer o aluno enxergar o “contexto” e o “sentido” e, um especialista em despertar a autoestima. Para que isto ocorra, deve transformar a sala de aula em uma “oficina”, preparada para exercitar o raciocínio, isto é, onde os alunos possam aprender a ser objetivos, a mostrar liderança, resolver conflitos de opinião, a chegar a um denominador comum e obter uma ação construtiva. Sob este prisma, a interação com o aluno disléxico torna-se facilitada, pois, apesar do distúrbio de linguagem, este aluno apresenta potencial intelectual e cognitivo preservado; desta maneira estará sendo estimulado e respeitado, além de se favorecer um melhor desempenho.

Levando-se em conta que o ensino, a aprendizagem e a avaliação constituem um ciclo articulado, deve-se para isso cumprir quatro perspectivas importantes:

- Ser formativa
- Ser qualitativa

A inclusão do aluno disléxico na escola, como pessoa portadora de necessidade especial, está garantida e orientada por diversos textos legais e normativos.

A lei 9.394, de 20/12/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), por exemplo, prevê:

- que a escola o faça a partir do **artigo 12, inciso I**, no que diz respeito à elaboração e à execução da sua Proposta Pedagógica;
- que a escola deve prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento (**inciso V**);
- que se permita à escola organizar a educação básica em séries anuais, períodos semestrais e ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização (**artigo 23**);
- que a avaliação seja contínua e cumulativa, com a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período (**artigo 24, inciso V, a alínea a**).

É importante manter a comunidade educativa permanentemente informada a respeito da dislexia. Informações sobre eventos que tratam do assunto e seus resultados, desempenho dos alunos portadores da dislexia, características desse distúrbio de aprendizagem, maneiras de ajudar o aluno disléxico na escola, etc.

Não é necessário que alunos disléxicos fiquem em classe especial. Alunos disléxicos têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles. Essa troca de humores e de saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer amizade, a cooperação e a solidariedade.

A avaliação de dislexia traz sempre indicação para acompanhamento específico em uma ou mais áreas profissionais (fonoaudiologia, psicopedagogia, psicologia...), de acordo com o tipo e nível de dislexia constatado. Assim sendo, a escola precisa assegurar, desde logo, os canais de comunicação com o(s) profissional(is) envolvido(s), tendo em vista a troca de experiências e de informações.

6. Interação e Atividades apropriadas:

Sabemos que é na escola que as dificuldades das crianças com dislexia são mais aparentes, pois é ali que a leitura e a escrita são mais utilizadas e valorizadas. Surge, então, a dificuldade dos professores em encontrar métodos de ensino que se adequam às necessidades dessas crianças.

A escola e os professores precisam buscar formas alternativas que resgatem o prazer de aprender do aluno com dislexia, que pode estar comprometido diante tantas dificuldades pregressas. Preparamos dicas valiosas para estimular e trabalhar as habilidades cognitivas das crianças com dislexia na escola.

Atividades com música estimulam a criança com dislexia e trabalham ritmo, concentração e atenção. Usar rimas, por exemplo, é ótimo, pois o som trabalha a forma como ele é produzido e processado. Bater palmas para criança imitar enquanto soletra palavras, trabalha a percepção da sequência auditiva, além de todas as habilidades de consciência fonológica.

Como já foi mencionado a consciência fonológica tem a ver com a forma como manipulamos o som, a percepção do tamanho de palavras e a semelhança fonológica entre diferentes palavras. Por isso, as atividades que trabalham a percepção auditiva são super importantes para ajudar as crianças com dislexia a perceberem o som e as formas das palavras.

Usar jogos dos sete erros, lince, figura e fundo, caça-palavras, ou qualquer atividade que trabalha a percepção visual, ajuda muito a criança associar o som com a forma das palavras.

As atividades que trabalham a percepção auditiva e visual auxiliam na identificação e sequenciação do processo de leitura e escrita.

A seguir algumas atitudes que podem facilitar a interação:

- Dividir a aula em espaços de exposição, seguido de uma “discussão” e síntese ou jogo pedagógico;
- Dar “dicas” e orientar o aluno como se organizar e realizar as atividades na carteira;
- Valorizar os acertos;
- Estar atento na hora da execução de uma tarefa que seja realizada por escrito, pois seu ritmo pode ser mais lento por apresentar dificuldade quanto à orientação e mapeamento espacial, entre outras razões;
- Observar como ele faz as anotações da lousa e auxiliá-lo a se organizar;
- Desenvolver hábitos que estimulem o aluno a fazer uso consciente de uma agenda para recados e lembretes;
- Na hora de dar uma explicação usar uma linguagem direta, clara e objetiva e verificar se ele entendeu;
- Permitir nas séries iniciais o uso de tabuadas, material dourado, ábaco e para alunos que estão em séries mais avançadas, o uso de fórmulas, calculadora, gravador e outros recursos sempre que necessário.

É preciso estar atento ao que será proposto ao pequeno, mas para que isso aconteça de fato, nada melhor que conhecer o gosto da criança. Há aquelas que são mais ligadas aos jogos eletrônicos e outras mais ligadas à música, por exemplo. De qualquer forma, sempre haverá a alternativa ideal para cada um.

● **Aulas Cantadas:** Já é do conhecimento geral que a música é uma importante aliada no tratamento de vários males. Afinal, ela é responsável pelo desbloqueio do sistema nervoso, pela atuação no sistema cardiopulmonar, entre outras áreas do organismo. De acordo com estudos, a ligação entre a dislexia e a música está no seguinte fato: existe uma transferência de habilidades presentes no ritmo cerebral, que contribui para a capacidade de diferenciar sons. Com isso, a criança pode passar a ler corretamente, de acordo com os fonemas captados pelo pequeno. As aulas cantadas são importantes por conta disso. No entanto, é importante que haja acompanhamento com fonoaudiólogos para que o resultado seja ainda mais satisfatório. O trabalho com os fonemas é necessário e o papel do profissional está aí para trabalhar essa competência.

● **Jogos Eletrônicos:** A utilização de jogos eletrônicos como alternativa para diminuir os efeitos da dislexia também é uma ótima ideia. Os games são responsáveis por proporcionar mais atenção aos pequenos. Uma pesquisa divulgada no jornal Current Biology mostrou que os jogos de ação induziram as crianças a terem tanto a velocidade quanto o tempo de reação mais aprimorados, o que possibilitou melhoria na leitura. Claro que no ambiente escolar é preciso dosar a intensidade dos jogos. No entanto, como complemento às atividades pedagógicas, os games podem ser grandes aliados.

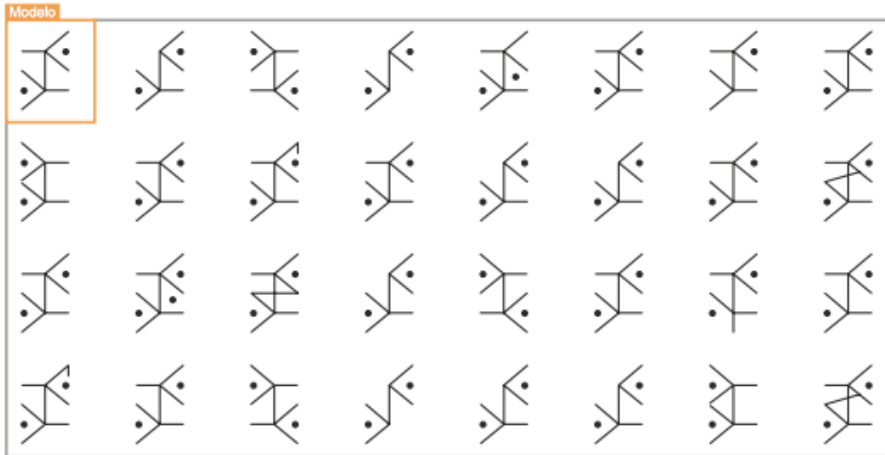
● **Atividades escolares em dispositivos eletrônicos:** Muitas escolas utilizam dispositivos eletrônicos para transmitir algum conteúdo complementar. Neste caso, não se trata de jogos, mas realmente conteúdo pragmático e que pertence à grade curricular da criança. Os tablets, por exemplo, são muito usados para essa finalidade. Eles contam com muitas atividades que proporcionam o conhecimento da criança.

● **Caça-palavras, forca e palavra-cruzada:** As atividades que fizeram parte de nossa infância ainda continuam especiais. Caça-palavras, forca e palavra-cruzada permanecem

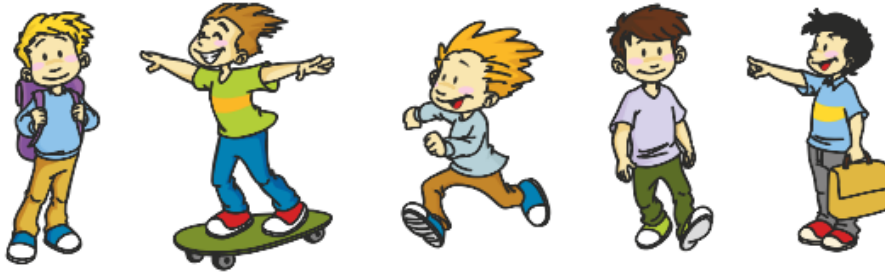
eficazes para se trabalhar a habilidade das crianças e ajudá-las a diminuir os efeitos da dislexia em sua vida.

Apresento aqui algumas atividades pensadas para trabalhar a consciência fonológica, a percepção e memória auditiva e visual, a linguagem compreensiva e expressiva e as competências psicomotoras e motoras (esquema corporal, lateralidade e orientação no espaço e tempo, controlo e destreza manuais, grafomotricidade) da criança com dislexia ou outras dificuldades de aprendizagem que afetam a leitura e a escrita:

1. Circunda as figuras iguais ao modelo.



2. Observa as imagens. Assinala com X o braço direito e rodeia a perna esquerda de cada criança.



3. Assinala com X a sombra que corresponde ao modelo.



Completa com as letras <o> (com som de "u") ou <u> de forma a conseguires a palavra adequada que faça sentido.

1. t__a p__a f__i l__z
 2. m__ro t__do p__la d__rmir
 3. m__ito m__ído m__eda b__tão
 4. f__gir m__er c__mer j__do
 5. j__ba f__mar m__lher p__lou
 6. m__sgo t__car l__gar t__ssir
 7. b__lota vi__leta p__mada c__mida
 8. c__lete t__lipa vi__lino m__leta
 9. b__nita n__velo b__zina b__lacha
 10. f__rador b__tija p__lícia m__lhada
 11. t__mate est__dar aj__dar az__lado
 12. tab__ada trib__nal ad__bo re__nião
 13. nam__rar gord__ra cor__ja az__lejo
 14. char__to p__rteiro búss__la gas__lina
 15. ameix__eira mist__rar borb__leta pres__nto
 16. fumeir__ cangur__ duzent__s doming__
-

“A atuação do professor perante a dislexia deve ser a de facilitador, é preciso mover forças e recursos, a fim de proporcionar aos educandos, uma oportunidade de desenvolvimento de suas habilidades, fazendo com que os mesmos alcancem a tão almejada aprendizagem significativa, dando a estes alunos a chance de serem pessoas felizes, mesmo com esta dificuldade inserida em sua vida. O professor tem em suas mãos o poder da motivação, acreditamos que para que haja um bom trabalho docente é necessário que o educador ame a profissão, haja vista que a formação destes pequenos cidadãos depende massivamente dele.” Maria Paula, 32 anos, professora.

7. Dislexia: Vivendo em Sociedade:

Uma pessoa com dislexia no Brasil sofre na pele diariamente as marcas de ser invisível. A maioria das pessoas sequer sabem o que é dislexia ou como isso interfere no viver do indivíduo. Embora diversas instituições sérias no mundo e no Brasil estudem, pesquisem, trabalhem e até divulguem informações sobre os transtornos de aprendizagem, ainda hoje, em pleno século XXI não há dados na rede pública de ensino sobre a presença de alunos disléxicos. Isso nos leva a crer que são invisíveis.

É importante deixar claro que o disléxico pode levar uma vida normal desde que suas dificuldades sejam identificadas, aceitas e trabalhadas. Não é benéfico utilizar o mecanismo de defesa de negação dos problemas nesses casos. O que de fato pode ajudar essas pessoas a lidarem com seus entraves, é o enfrentamento dos mesmos e isso exige coragem e determinação.

Sabemos de casos de pessoas, profissionais, artistas famosos e bem sucedidos que conseguem viver e realizar conquistas convivendo com a dislexia. Temos os exemplos do diretor de filmes Steven Spielberg, a cantora Cher, os atores Tom Cruise, Whoopi Goldberg e Felipe Titto. Há indícios de que até mesmo o genial cientista Albert Einstein era portador de dislexia.

Para identificar casos de dislexia em os adultos, o primeiro passo é ficar atento a sinais como dificuldade para compreender a leitura, o que geralmente faz com que a pessoa precise reler várias vezes um mesmo texto. Além disso, pessoas disléxicas costumam cometer erros ortográficos como troca, inversão, omissão ou acréscimo de letras e sílabas, enquanto escrevem. O distúrbio também afeta noções de tempo e espaço.

Diante da presença de algum desses sintomas, o procedimento para o diagnóstico da dislexia em adultos é o mesmo aplicado às crianças. Ou seja, o indivíduo é encaminhado para a avaliação de uma equipe multidisciplinar composta por médicos, neuropsicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e neurologistas. Nesta avaliação são utilizados testes para analisar o nível de leitura, vocabulário e habilidades específicas, como memória, atenção e velocidade de processamento.

Também é comum notar que a pessoa desconsidera as sílabas finais ou mesmo palavras inteiras, além de precisar ler várias vezes um trecho para compreender. Na escrita, geralmente percebe-se muitos erros de ortografia, pontuação e troca de letras. Pode acontecer de a pessoa escrever a mesma palavra de formas diferentes em trechos próximos.

Dificuldades para acompanhar sequências e listas, realizar cálculos mentais, gerir o tempo, fazer anotações simples, entender instruções, decorar números de telefone, organizar as ideias em um texto e compreender corretamente o que lê, são outros sintomas da dislexia em adolescentes e adultos.

A dislexia não tem cura, mas o tratamento adequado permite que a pessoa tenha qualidade de vida e melhore muito a sua vida acadêmica e produtiva. Ainda que apresente dificuldades na área de leitura e escrita, a pessoa com esse transtorno não tem

comprometimento da inteligência e nem da sua vida social. Dessa forma, é possível viver bem com dislexia.

O tratamento envolve acompanhamento com diversos profissionais, como psicólogo, psicopedagogo e fonoaudiólogo. A criança ou adulto consegue, com esse apoio, enfrentar os desafios do transtorno e desenvolver as suas capacidades de leitura, escrita e pensamento lógico-matemático. Não é impossível que uma pessoa com dislexia se torne um leitor interessado, basta que ela desenvolva estratégias eficazes para impulsionar sua aprendizagem. Um ponto importante do tratamento é oferecer oportunidades para que a pessoa aprenda de forma criativa, acompanhando o ritmo e as dificuldades que cada uma apresenta.

8. Todos são capazes de aprender:

Com base no assunto e pesquisa abordados neste trabalho, a dislexia afeta a capacidade de leitura. Uma vez que este é um instrumento cultural de extrema importância social, pois dá acesso a outros conhecimentos historicamente construídos e ao desenvolvimento de outras capacidades, tais dificuldades podem causar nítidos problemas, tanto no plano afetivo quanto social.

No decorrer do trabalho e também de acordo com a literatura, vimos claramente a importância do diagnóstico preciso e eficaz da dislexia para se obter uma intervenção e acompanhamento ajustado a cada caso e para se prevenir que se instalem dificuldades de ordem emocional no sujeito disléxico.

Outro aspecto importante é o indivíduo ter conhecimento a respeito do que está acontecendo consigo, pois quando se tem conhecimento da dislexia pode-se iniciar um acompanhamento adequado, principalmente, quando se é criança. Pode-se dizer, também, que quando este processo não é realizado, os prejuízos emocionais, sociais e profissionais podem se tornar cada vez mais graves, levando-os à depressão, ansiedade, baixa auto-estima. Porém muitos disléxicos podem desenvolver mecanismos bem-sucedidos para manter a auto-estima, e isto pode ocorrer mesmo estando diante da insistência das dificuldades.

Baseando-se nos pressupostos levantados nesta pesquisa, também fica evidente a importância do apoio, da compreensão, da paciência e da dedicação das pessoas que o cercam, pois o disléxico pode se sentir incompetente ou menos inteligente que os demais. Superar esse sentimento parece ser um desafio para a vida toda. A auto-estima é parte fundamental para tornar o disléxico confiante, pois quando ele acredita na sua capacidade, a chance de alcançar o êxito diante das dificuldades é maior.

Sendo assim, de acordo com todos os aspectos levantados neste trabalho, é preciso deixar que outros potenciais do disléxico tornem-se evidentes para ele e para os que o cercam. E neste processo a informação é essencial. Quando se sabe a respeito da dislexia e se realiza o acompanhamento adequado com especialistas, dando respaldo à família e à escola, pode-se alcançar os resultados desejados. Cientes do problema, além do esclarecimento de muitas dúvidas e perturbações, pode-se prepará-los para direcionar

seus esforços e levando-os assim ao fortalecimento e à compensação das deficiências da pessoa disléxica.

Em suma, pode-se concluir que os disléxicos, apesar de suas dificuldades de leitura/escrita, são pessoas que, como muitas outras com necessidades educacionais especiais, possuem criatividade, alegria e espontaneidade, sem contar que eles podem ser ótimos estrategistas em determinadas situações, como mostra o sujeito em estudo aqui, que, hoje, consegue lidar com diversas situações apresentadas pela dislexia, e com isto conquistou o lugar desejado e esperado por ele, tornando-se, portanto, um vitorioso diante da dislexia.

Referências Bibliográficas:

ADAMS, MJ, Foorman BR, Lundberg I, Beeler T. Consciência fonológica em crianças pequenas. Porto Alegre: Artmed; 2006.

BONINI, Flávia Vianna, et al. “Problemas emocionais em um adulto com dislexia: um estudo de caso.” Revista Psicopedagogia, 2010.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da Aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1982.

FARREL. M. Estratégias educacionais em necessidades especiais. Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas. Porto Alegre: Artmed; 2008.

FRANK , R. A vida secreta da criança com dislexia. São Paulo: M. Books do Brasil;2003.

FONSECA, Vítor da. Introdução as Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: ARTMED, 1995.

LIMA RF, Azoni CAS, Ciasca SM. Funções executivas na dislexia do desenvolvimento. In: Ciasca SM, Rodrigues SD, Azoni CAS, Lima RF, eds. Transtornos de Aprendizagem. Neurociência e interdisciplinaridade. São Paulo, 2015.

MORAES. C, Zezza FL, Neves SNH. Principais comodidades em indivíduos com dislexia. In: Ciasca SM, Rodrigues SD, Azoni CAS, Lima RF, eds. Transtornos de aprendizagem. Neurociência e interdisciplinaridade. São Paulo, 2015.

RODRIGUES, Sônia das Dores e CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. 2016, vol.33, n.100

SHAYWITZ, S. Entendendo a dislexia. Um novo e complete programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed; 2006.

SIGNOR, Rita. Dislexia: uma análise histórica e social. Revista Brasileira de Linguística Aplicada; 2015.

